

**ROMANCE DE ASILO, DE ANDRÉ MONTEIRO: ACADEMICISMO E  
REFLEXÕES APORÉTICAS FILOSOFIA E POESIA**

**ROMANCE DE ASILO, DE ANDRÉ MONTEIRO: ACADEMICISMO Y  
REFLEJOS APORÉTICOS FILOSÓFICOS Y POÉTICOS**

Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert<sup>1</sup>  
Juliana Silva Cardoso Marcelino<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo propõe apresentar o *Romance de Asilo* (2019), escrito por André Monteiro, no qual o narrador, através dos fragmentados capítulos engendra discussões a respeito do que seria a identidade dentro de um universo “corcunda”, academicista, no qual teorias filosóficas e poéticas são colocadas em um espaço aporético do acontecimento. Objetiva-se atravessar esta narrativa, que está em constante movimento, os encontros e as rupturas em uma pretensa investigação sobre o efeito poroso que o autor busca enxertar nas discussões propostas em sua obra, ao articular aberturas de sentidos.

**Palavras-chave:** Romance de Asilo, Academicismo, Filosofia e poesia.

**RESUMEN**

Este artículo se propone presentar el *Romance de Asilo* (2019) escrito por André Monteiro, en la cual el narrador, a través de los capítulos fragmentados, engendra discusiones sobre lo que sería la identidad dentro de un universo academicista “jorobado”, donde las teorías filosóficas y poéticas se sitúan en un espacio aporético, del acontecimiento. El objetivo es atravesar esa narrativa, que está en constante movimiento, encuentros y rupturas en una supuesta indagación sobre el efecto poroso que el autor busca injertar en las discusiones propuestas en su obra articulando aperturas de sentidos.

**Palabras-clave:** Novela de Asilo, Academicismo, Filosofía y poesía.

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Fluminense (UFF), Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Professora Visitante no Centro de Literatura Comparada, Universidade de Toronto. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8833823958303193>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2477-218X>. E-mail: [barbarasimoes2005@uol.com.br](mailto:barbarasimoes2005@uol.com.br).

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Professora pela Secretária de Educação de Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2398454914131514>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0596-1770>. E-mail: [jucardosom@gmail.com](mailto:jucardosom@gmail.com).

## Introdução

*Romance de Asilo* foi escrito em 2019 pelo escritor e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, André Monteiro. É composto por 83 capítulos e sete cartas alusivas ao *Romance*. O narrador inicia, já na apresentação do livro, avisando o leitor sobre a estilística fragmentária da obra, juntamente com informações relacionadas ao processo de produção do livro, ao anunciar o espaço temporal e espacial: “Os fragmentos expostos a seguir foram escritos, muito provavelmente entre 2015 e meados de 2018 em Juiz de Fora” (Monteiro, 2019, p. 14). Não há uma preocupação em delimitar o texto de forma cartesiana. A escrita configura-se de forma espontânea, não comprometida em seguir os parâmetros do gênero romance.

O narrador é um Doutor-professor que trabalha em uma Universidade e trava um diálogo com o “Doutor” personagem sem muitos contornos definidos. Isto permite ao leitor inventar sua função, ou funções. Ora vez, poderia ser um psiquiatra/ psicanalista, aquele que cuida dos transtornos mentais, e está aberto à escuta e às diversas formas de aproximar-se do paciente de maneira amigável, a fim de ganhar a sua confiança: “O Doutor vem ao meu leito todos os dias e sempre me diz: – Não deu pra trazer a revolução, conforme o combinado. Pelo menos deu para pegar uma cerveja de garrafa no bar da esquina” (Monteiro, p.23.2019). Ou mesmo, um amigo, também “Doutor”, que igualmente se encontra preso no “Asilo acadêmico” como é declarado no capítulo “O Asilo”: “Aqui dentro, como lá fora, a gente se acha muito. E se encontra muito pouco” (Monteiro, 2019, p.140). Daí, há a necessidade de chamar o colega de trabalho de “Doutor”, devido à formalidade e à importância do título. Em um ambiente universitário, seria a versão de pessoa que lhe caberia, mais como uma “máscara” definitiva, o que abarca na perda de sua essência e um reconhecimento de si. Ainda poderia ser a própria consciência, em um mecanismo de autorreflexão, numa tentativa de curar-se do ambiente enfermo e solitário no qual o narrador vê-se inserido, dentre outras várias possibilidades. A personagem Doutor é importante na trajetória, pois o narrador precisa desabafar.

Nos capítulos intitulados “Clínica no automóvel”, “Clínica da criança”, “Clínica do romance”, “Clínica no bar da esquina”, “Clínica da pipa”, “Clínica das Sereias”, o narrador traz a ideia de “clínica” em seu sentido literal, como o local onde as pessoas

são tratadas. Para universos aleatórios, também ocorre o tratamento das mazelas da alma, numa provocação ao leitor do desafio de se sobrepujar pela experiência das palavras que se abrem para o outro, como é vislumbrado no capítulo “Clínica no bar da esquina”:

O que mais me apraz no bar da esquina é observar velhos bebuns solitários no balcão. Rostos vincados. Braços e mãos marcados pela memória de algum longo trabalho pesado e ainda firmes, precisos para levantar o copo com dignidade. Cabelos e olhos distendidos, confiados ao vento e ao brilho do ambiente. Nenhum vestígio ou dobra de ansiedade. Seus corpos confortam o cansaço da minha escravidão nervosa. Deixam uma sensação de calma e discreta felicidade diante de tudo que, nessa vida, é sem saída (Monteiro, 2019, p. 147).

Em outros momentos, o narrador conversa com o leitor em um fluxo fragmentado de pensamentos descontínuos, dado que o processo de pensar fisicamente não é tangível, assim como as emoções. Observam-se, no percurso narrativo, ruídos, seja no âmbito da memória, emocional, cultural, intelectual, entre outros. Observa-se isto no capítulo “A insustentável leveza do Narrador”: “Pena que eu não possa dizer a vocês, de um modo convincente, que quem aqui escreve já morreu. Até onde eu saiba, eu não sou um Narrador confiável” (Monteiro, 2019, p. 51).

O artigo perpassar-se-á pelo acontecimento imprevisível, visto que o leitor será uma espécie de doador, vindo com interrogações, absorções, posseção de algo dado ou recebido por outrem. O narrador, ademais, enveredará por questionamentos recorrentes em toda a narrativa a respeito do academicismo e da distinção entre filosofia e poesia, que não é percebida com clareza, mas como um tanto miscigenada e porosa.

Em algumas passagens, é deduzido um teor autobiográfico, particularmente, quando o narrador coloca-se como professor de uma universidade “asilo”, tendo a mesma profissão que o autor. A exemplo, podemos citar o capítulo “Relatório de progressão funcional”, quando o “Doutor” que o narrador constantemente dirige-se, pergunta ao narrador “– Como funcionam suas aulas?” (Monteiro, 2019, p. 66). A partir desta indagação trava-se uma conversa sobre o que é ser um Mestre suscetível a julgamentos aos olhos das pessoas que frequentaram, ou frequentam, o “Asilo”.

O teor autobiográfico, ainda está presente na reincidência da sentença: “Quando meu filho Miguel nascer (e ele já nasceu e continua nascendo) estarei mais vivo que nunca. Me despreparei a vida inteira pra isso” (Monteiro, 2019, p. 23). O autor também

tem um filho chamado Miguel e é razoável compreender o drama que é ser responsável por uma vida. O *Romance de Asilo* é uma prática literária que promove encontros, de ouvir e contar histórias. A linguagem mostra-se fluida e espontânea, e a narrativa se constrói em hibridismo de estilos, permitindo o leitor aconchegar-se em suas entrelinhas, sem obrigações, ou a necessidade de fazer algum sentido. A proposta do livro é deixar apenas um traço entre infinitos outros.

### **A presença do acontecimento no *Romance de Asilo***

O narrador dirige-se ao leitor indiretamente, ao sugerir que pode ocorrer possíveis interferências, tanto do autor, quanto do leitor. A intenção do autor é um ato de privacidade e, ao mesmo tempo, de suspensão. O autor, ao traçar, riscar sobre o papel, institui uma singularidade, até mesmo as informações autobiográficas, simultaneamente, engendram a narrativa em uma criação ficcional aleatória. Quando expõe sua escrita, a sua origem torna-se imprecisa e multifacetada. Busca-se uma certa autoria, de um lado, do outro, em suspensão e ocultamento, devido às intromissões do leitor.

Ainda que toda leitura seja, de modo irredutível e definitivo, um gesto, talvez a sombra da possível e supracitada marcação cronológico-territorial possa querer dizer alguma coisa aos leitores que, aqui e agora, inventam seus modos de entrar, ficar e abandonar este Asilo (Monteiro, 2019, p. 14).

A estratégia do autor em aproximar o narrador do leitor, já na apresentação e ao escolher o verbo “inventar”, a fim de deixar o seu visitante-leitor à vontade para construir e enxertar seus pensamentos no texto, faz com que a proposta de leitura seja livre e interativa. As histórias são riscadas e marcadas pela “falta”, por estarem em contínua impermanência de significados. Rafael Antonio Blanco (2011), no texto “A origem do traço em Memórias de um Cego de Jacques Derrida” relata que, na obra do filósofo francês, observa-se o esclarecimento de alguns pontos importantes que involucram o processo de escrita e construção de sentidos. Quando o autor principia o momento da escrita, vai traçando e conta com a sua memória, encarregada por delinear uma identidade, um instante individualizado e, seguramente, esses traços irão revelar alguns aspectos de seu autor, que surge e revela-se turvo. Blanco explica a ideia de traço na visão de Derrida: “as noções de traço (trait) e retraço (retrait = retirer, ôter, enlever,

se rétracter), enquanto o primeiro faz surgir a memória formadora de uma identidade, este a torna velada, a esconde, a universaliza” (Blanco, 2011).

Logo no primeiro capítulo, chamado de “Asilo”, remetendo ao título do livro *Romance de Asilo*, o narrador revela ao leitor o objetivo em escrever o romance: “Escrevo porque preciso desabafar. Esse é o motivo principal. Todos os outros são secundários” (Monteiro, 2019, p. 15). A imprescindibilidade do narrador em permitir sua marca é uma tentativa de deixar seu rascunhar no palimpsesto da folha de papel, que se mostra porosa, pois a narrativa produz-se em um diálogo contínuo, estrutura-se em criação ficcional aleatória, na qual ocorrerá a ruína do traço e apenas ficarão riscos que também desaparecerão, já que o acesso à origem não será possível.

Em concordância com Derrida, no ensaio “Apertura dell’ aporia”, no compilado organizado por Piero Eyben (2014, p. 17), “talvez um pensamento venha sempre de alhures, do outro”. Isto quer dizer que parte do pensamento constitui-se pela enxertia do pensamento do outro. O texto transforma-se um enigma por ter uma missão de existir diante de um coletivo, devido aos vários olhares que se aglutinam em uma polifonia de vozes. Quando o narrador de *Romance de Asilo*, confessa que apenas lhe resta a sua expectativa, reforça-se a ideia de que a representação sempre cai em ruína, a “(...) totalização plena não chega nunca: do sujeito, da obra, do futuro, do passado, do ideal” (Blanco, 2011, p. 6). É possível verificar isto ainda no primeiro capítulo:

Enquanto isso, não para passar o tempo, mas, como diria o velho Godard, para fazer o tempo passar, jogo paciência com as palavras. fui pseudoanarquista quando era estudante. Hoje não posso deixar de pensar no futuro. Por isso, preciso aprender a entregá-lo à graça e ao mistério de seu próprio futurar (Monteiro, 2019, p. 15).

O filósofo Jacques Derrida elucida que a construção de um texto é realizada com um visitante, o estrangeiro que risca no improvável. Assim, as marcas deixadas pelo autor vão se perdendo pelo percurso das linhas, diante da vida e da experiência de contato com o outro. Este contato não é de encontro com as intenções de origem, por não existir mais um início, mas de entrega ao que pode se transformar. O traço torna-se nada, pois é incerto esperar um fechamento textual, uma vez que o texto coloca à espera daquilo que vem, o “acontecimento” em direção a uma promessa que poderá ou não ocorrer. A partir dessa reflexão, Derrida revela a possibilidade do acontecimento: “O acontecimento como aquilo que chega é o que verticalmente me cai em cima, sem que

eu possa vê-lo vir; o acontecimento não pode me parecer antes de chegar senão como impossível” (Derrida, 2001, p. 97 *apud* Fontes Filho, 2012, p. 149).

No capítulo, “A pesquisa da dignidade”, o narrador descreve de forma mais aclaradora a definição da palavra acontecimento de duas maneiras: a primeira, como algo que ocorre e possui uma relevância frente a uma sequência de eventos cotidianos; e a segunda seria como uma alteridade que desabriga todos de seus próprios espaços, e também de sua verdade. Evidencia-se o outro. À medida que possui o contato com a escrita, também deixará rastros de sua presença que, instantaneamente, apagar-se-ão, devido ao acontecimento desfeito em sua singularidade errante.

A vida não é menos nem mais lindamente e terrivelmente excitante e traiçoeira que a cachaça. Mas há intervalos de tédio. O Doutor interrompo a fala-escrita-pensamento do parágrafo anterior (talvez o início de um ensaio que eu jamais terminaria...):

– Você usa drogas?

– Sim. Principalmente, a droga do pó das palavras.

– Fale-me mais a respeito do acontecimento.

– Ontem ouvi pelo rádio uma transmissão do seriado *Lógica do Sentido* do Doutor Gilles. Dizia ele: o acontecimento tem uma estrutura dupla. De um lado, o acontecimento pode ser encarnado em um estado de coisas. Poder ser visualizado, atualizado, efetuado, formado, formalizado. “em todo acontecimento existe realmente o momento presente de efetuação [...] aquele que designamos dizendo: eis aí, o momento chegou.” Mas há outra dimensão do acontecimento: a dimensão que, sendo impessoal, pré-individual, inscrita em um instante móvel, se concretiza, não na efetuação, mas na contra-efetuação. Com o Doutor Gilles, o que se pode esperar do acontecimento é o que dele não se pode esperar: seu impossível. Um impossível que, quando encarnado em um estado de coisas (e nunca se pode prever como e quando ocorrerá, se é que ocorrerá, tal encarnação), quando atualizado em algum corpo-pensamento visível, nos dá ao mesmo tempo, notícia de seu inacabamento, de sua realidade imensurável, inatual (Monteiro, 2019, p. 34).

O narrador apresenta o acontecimento de acordo com a segunda definição explanada pelo narrador, como uma “vinda sem passo”, na qual não há mais fronteiras a atravessar, não há mais oposição entre duas bordas. O limite fica permeável, poroso, indeterminado. A presença do outro atravessa, muda o texto, podendo ou não se tornar outro. É uma questão aporética e sem solução, como diz Derrida sobre a aporia:

É, claro, então, ela demora, que é preciso resistir [...] é preciso suportar, é preciso sofrer algo, mas ao mesmo tempo não é preciso somente resistir; na própria resistência algo outro que a resistência

como sofrimento se abre, isto é, já a possibilidade do impossível, possibilidade não tomada a partir do dado, mas nesse fato não dado, novo, que a decisão está se fazendo, que a sobrevivência está sobrevivendo” (Derrida, 2018, p. 21).

A experiência da leitura de *Romance de Asilo* leva-nos a um impasse, não em um sentido de paralisia, mas de resistência para que um acontecimento seja possível, em um movimento dialético na direção de uma possibilidade de abertura sem visar saída.

### **O academicismo ancião**

Uma das grandes reflexões propostas pelo narrador do *Romance de Asilo* estaria relacionada à academia e aos membros que a compõem, os chamados Doutores, aqueles que, em uma universidade, conseguiram alcançar um alto grau de instrução e, por isso, estão aptos a serem professores, pois são detentores do saber.

A palavra “Asilo”, logo no título do livro, sugere um desdobramento de significados, o qual poderia ser um local de proteção e amparo para uma faixa-etária que já experienciou a vida e, agora, o que resta é a corcunda dos anos em nas costas. Através de uma construção por analogia, o narrador traz o local “asilo”, que é solitário, apesar de ser um ambiente repleto de anciãos e cuidadores, e o compara com o espaço acadêmico.

O filósofo francês renascentista Michel Montaigne descreve a função apática dos doutos que só armazenam conhecimentos e não se tornam virtuosos, ou seja, são incapazes de movimentar, apreendido de maneira transformadora a outrem: “[...] vão nossos mestres pilhando a ciência nos livros e a trazendo na ponta da língua tão somente para vomitá-la e lançá-la ao vento” (Montaigne, 2000, p. 71).

Na visão de Montaigne, o conhecimento seria uma espécie mecanismo fisiológico em desordem, em que a digestão não é assimilada de forma que se possa absorver os nutrientes e fazer com que o corpo se desenvolva, pois este fica estagnado na maioria do tempo, sem potencialidade de aproveitamento, o que torna o doutor um ancião exilado em um asilo sem utilidade para a humanidade. Montaigne descreve a vida como uma experiência não linear. Viver realmente está diretamente ligado a ação, ao movimento “se não são, homem e boi, uma coisa só” (Montaigne, 2000, p. 69).

Observa-se, no romance, uma projeção autobiográfica, como o narrador em primeira pessoa, que se propõe a desabafar, contando suas reflexões a respeito todo o



transcurso acadêmico até se tornar doutor. O título contribuiu para a sua realização pessoal, visto que a experiência acadêmica serviu como uma engrenagem de cerceamento criativo, que limita a liberdade da imaginação. A aproximação da narrativa com a vida do autor potencializa a expectativa do leitor em construir uma espécie de identificação entre autor-narrador, sendo mais uma estratégia de escrita. Porém, é importante ressaltar que literatura é ficção. Observa-se no capítulo “Uma outra coisa”, por meio do resgate da memória, que o narrador contempla o leitor com esse enriquecimento de singular de escrita:

Quando eu tinha 19 anos, eu queria anarquizar tudo. Queria não levar nada a sério. Nem, é claro, meu anarquismo. Eu me dizia pseudoanarquista e participava, ao lado do Giuliano Cesar Kid, do Marcos Marquito Vinicius, da Camila do Valle, do Anderson Pires, entre outros, do MÃE (Movimento Anarco Estudantil). Concorremos duas vezes ao DCE. A primeira vez com a chapa DCE não é Mamãe. A segunda com Salete Mon Amour. A montagem das chapas se dava por sorteio. Me lembro de ter sido sorteado tesoureiro em uma das vezes. As campanhas eram realizadas sem qualquer tipo de acordo prévio. Cada um avacalhava a seu modo. Voávamos pelo campos a exigir e a praticar nossos direito ao impossível, nosso direito a não ter que fazer, absolutamente, sentido. Eu me valia de um fanzine chamado Algures & Alhures. Ele era porcamente batido à máquina e as imagens eram porcamente cortadas e coladas à mão. Uma mistura de sexo explícito, Godard, Torquato Neto e Waldick Soriano. O xerox do antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras patrocinava. Depois eu vendia a um real cada exemplar. Anos de FHC. Pouca grana, muito fumo, muita cachaca, algum pó e uma insistente gargalhada nervosa ecoando no fundo escuro do corpo.

– E como você sobreviveu?

– Após o meu supracitado surto pseudoanarquista, acabei descolando uma bolsa de Iniciação Científica. Quando a gente acha que tá driblando o sistema, o sistema também acha um jeito de driblar nossa suposta criatividade, o que é bom e ruim. Ou como já disse em outros carnavais, eu cuspo nos mitos e os mitos me engolem.

– E aí?

– Aí eu embarquei numa ininterrupta carreira acadêmica: fiz mestrado, doutorado, pós-doutorado, virei professor universitário e, hoje, tô aqui, internado nesse Asilo de Doutores e dores anônimas. Mas o que eu quero mesmo é uma outra coisa.

– Como não? (Monteiro, 2019, p. 29-30).

Rosa Dias (2011), no livro *Nietzsche, vida como obra de arte*, levanta a questão do sedentarismo como acomodação no meio acadêmico, sob o olhar nietzschiano. O fato de pensar e escrever sentado não comunga com o estilo aforístico que Nietzsche encontrou para articular seus pensamentos, em razão de não se enunciar em um local



fechado, o que reforça as palavras de Montaigne a respeito de o corpo precisar de movimento para que os pensamentos ocorram. Segundo a autora supracitada: “Só os pensamentos que nos vêm quando andamos têm valor (Dias, 2011, p. 28). André Monteiro (2021), em seu artigo de “É preciso aprender a ficar (in) disciplinado”, reforça a discussão sobre o saber doutoral que assimila conhecimentos com o pretexto de exibição, ao criar um arcabouço de erudição, e a dificuldade dos doutores em se comunicarem consigo mesmos e somente replicar o que fora armazenado. Não se trata de oratória e sim de saber o que fazer com esse conhecimento, como observa-se no fragmento a seguir:

Alguém que se especializa em matemática, física, filosofia, antropologia, literatura, geografia, e biologia pode ser apenas um multiplicador de disciplinas, e seu sentido mais fraco. Pode ser apenas um multiplicador de sua própria escravidão, um multiplicador ensimesmado de corcundas, já que, como diria Nietzsche (2001, p. 268), “Todo especialista tem sua corcunda”. Pode-se ter muitas especialidades disciplinares sem que nada se crie com elas, a não ser uma brutal indigestão alimentar (Monteiro, 2021, p. 37).

Em *Romance de Asilo*, no capítulo “Plano de carreira”, o narrador ratifica Montaigne em relação aos sábios, aqueles que detém o saber. Não seriam os mais perspicazes, logo, ninguém é mais capaz por ser douto, sendo puro pedantismo: “– Sou um ignorantão, Doutor. – E qual a sua grande meta? – Me tornar um ignorantinho (Monteiro, 2019, p. 57).

É de suma relevância retomar a conceito de escrita aforística de Nietzsche para a elucidação reflexiva que *Romance de Asilo* oferece ao leitor a respeito dos “corcundas”. De acordo com Nietzsche (2022, p. 217), “se ao corcunda se lhe tira a corcorva tira-se -lhe ao mesmo tempo o espírito”. Os doutos buscam reduzir os textos a interpretações banais, indo na contramão do estilo aforístico de Nietzsche, que apresenta a brevidade, o pensamento livre e descontínuo, sem espaço determinado, sem uma técnica de unir fragmentos ou segregá-los. Seria um “espaço em branco” para que se possa fazer enxertias e ampliar os significados. Para Derrida (1992), um momento de “hiancia”, um intervalo entre o que não existe e o que está prestes a existir. As leituras precisam atravessar o corpo e serem vividas, sentidas e avaliadas para sua a plenitude ou o fracasso, pois esses são os sintomas da vida e não serem apenas sistematizadas “para aquilo que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido” (Dias, 2011, p. 29).

A questão dos doutos é terem um excesso de disciplina, uma necessidade de fechamento interpretativo ao precisarem explicar o texto e não recriarem, pois precisam de apropriar-se do texto de forma cartesiana, dominá-lo em uma intenção de poder, sendo que a interpretação é orgânica. No capítulo “‘Não me acompanhe que eu não sou novela’: pequeno tratado sobre Linha de Pesquisa e Encarnação”, o narrador explana esse carecimento de reduzir a interpretação como forma de apoderamento intelectual:

- Mas para se realizar com qualidade um trabalho de pensamento não é necessário pesquisar e se filiar minimamente, a certas linhas de saberes já devidamente traçados e catalogados?
- O mínimo de mapeamento é, obviamente, necessário para se saber onde se pisa (há napalms no caminho... sempre há...). Mas o excesso de erudição é uma praga. Você observa, por exemplo, uma borboleta inusitada num solo de guitarra e lá vem os coveiros da comparação pra suicidá-la. Eles não querem ouvir a borboleta. Eles só pensam em provar e demonstrar: isso já estava lá, num sei onde, logo... Retóricos de boa história. Eu não conto aqui nenhuma novidade. Montaigne, Nietzsche, Oswald, entre outros, já cantaram muito essa pedra. Apenas observo que as “indigestões de sabedoria” podem assassinar muita poesia (Monteiro, 2019, p. 68-69).

Para Nietzsche (2002), o caráter efêmero das interpretações está vinculado ao criar, isto é, pensar é potência criadora e destruidora do movimento contínuo, uma interpretação única não existe. Tudo ainda está por um devir, um acontecimento. O filósofo traz a ideia de ruminar a leitura como forma de metamorfosear a experiência do autor, em um movimento de apropriação e assimilação dentro de novas perspectivas, a do leitor. Uma espécie de degustação mesclada com experiências, valores, histórias. Apesar, do narrador não invalidar o sistema acadêmico que assume um papel inquisidor, ele tenta encontrar saídas para garantir a potência da vida ver e não se entregar à morte.

Ainda no capítulo “‘Não me acompanhe que eu não sou novela’: pequeno tratado sobre Linha de Pesquisa e Encarnação”, o narrador ilustra a questão da ruína do texto em consequência da presunção exagerada da professora: “Achava livro coisa chatérrima. Até então, a imagem que eu tinha da dita literatura era a da professora de português da escola. Era uma imagem sisuda. A literatura era então a morte em pessoa” (Monteiro, 2019, p. 70). Montaigne, em seu ensaio “Pedantismo”, mostra essa representação da figura do mestre em tomar o conhecimento e replicá-lo sem uma possibilidade de expansão que movimenta o texto e o torna vivo: “Que adianta ter a

barriga cheia de comida se não a digerimos? Se não a assimilamos, se não nos fortalece e faz crescer?” (Montaigne, 2000, p. 71).

O narrador, ao mesmo tempo que relata esse episódio momentoso em sua adolescência, consegue ressignificar depois de anos. Agora, também exerce a mesma profissão de professor. Todavia, mesmo com as amarras que o sistema impõe, ele busca promover no ambiente acadêmico um local propício para o impulsionar a vida, através da vontade da potência e do movimento, podendo vir ou não com o desprazer e julgamentos, situação comum de toda ação. É o que se verifica no capítulo “Provas”:

- Mas você não avalia, necessariamente, seus alunos por meio de provas?
- Sim, eu nos avalio por meio de provas. Pelo nosso provar as matérias que nos chegam. Valorizo nosso modo de saboreá-las e sabê-las, ao máximo, pelas antenas de nossos dissaberes.
- Isso me parece muito bonito. Mas muito longe da vida como ela é. Você não estaria se enganando?
- Quem sabe?
- Você se acha muito especial, não é?
- Quando peguei recuperação em educação física no segundo ano do ensino médio, eu me achei, de muitas formas, uma pessoa especial. Mas isso, felizmente ou infelizmente, não acontece sempre.
- E quanto às notas? Não são exigidas notas?
- Sim. Infelizmente. E serão, pelo mais e pelo menos, sempre um tanto injustas. Por isso, procuro sempre levar em conta toda e qualquer participação afetiva. Para que alguém seja reprovado é necessário um esforço enorme de não- participação nos nossos encontros- aulas.
- E é por isso talvez que, pelos corredores do Asilo, alguns dizem que você é um professor desleixado. Não levam a sério o seu “não- dar-matéria”.
- O que é normal, pois fomos educados para confundir rigor intelectual com rigidez formal e intransigência moral: o vigiar, o punir, o controlar, o censurar, o patrulhar etc. etc. etc. Talvez alguns não encontrem em mim o carrasco que procuram para se levarem a sério (Monteiro, 2019, p. 59-60).

### **Problema de rótulos: filosofia e poesia**

Outro ponto iminente em *Romance de Asilo* é a discussão presente em quase todos os capítulos do desejo do narrador em não se preocupar com definições, contornos e fronteiras entre as disciplinas de literatura e filosofia. O poeta e ensaísta brasileiro Alberto Pucheu compartilha com essa defesa de não delimitar as relações entre as disciplinas sobreditas: “[...] o que, agora, tento. A partir de uma abertura, descobrir relações de mestiçagens entre poesia e filosofia, manusear uma matéria disforme que

supere a abordagem dos pólos estanques, dar- lhe voz” (Pucheu, 2007, p. 167). O *Romance* irá provocar uma desarticulação de identidades estáveis, principalmente, diante das definições dessas disciplinas, por haver encontros e aberturas para novas possibilidades de conexões.

Entre o fim do século XIX e o início do século XX, os parnasianistas compreendiam a poética como uma singularidade identitária, moldada ao rigor da técnica, sem aberturas para o atravessamento de outras disciplinas. Estavam submetidos ao rebuscamento e purismo vocabular, o que resultou em uma alienação da vida. No Realismo, o excesso de detalhes e descrições acabam por deixar a história sem movimento, juntamente com a intenção quase que imposta ao leitor para que aquela leitura seja assimilada de forma didática e aprenda como não desvirtuar do caminho correto e não se deixar contaminar pelas patologias sociais, que desvirtuam o caráter do homem.

No segundo capítulo “Narrar e descreve”, o narrador menciona a técnica realista e faz uma crítica sobre o excesso de descrição nas narrativas, “os pormenores inúteis” que deixam de servir a uma suposta positividade do real e mostram-se tal como são: “linguagem: o estilo a serviço do estilo” (Monteiro, 2019, p. 19). Questiona-se como lidar com a forma tradicional de escrever um romance e, no decorrer desse fio condutor de pensamento, o narrador dispõe a escrever uma narrativa diferente do padrão e, por último, levantará sua dificuldade em saber conceituar a literatura e a filosofia com clareza:

[...] (personagens, ações, enredo um mínimo de verossimilhança, um mínimo de unidade mítica e, claro, um mínimo de descrição), não como fim e sim como isca: uma maneira de entreter o leitor enquanto ele é convidado a pensar em outra coisa. Outra coisa é o que interessa. Gosto dos romancistas que, em princípio, dão ao leitor algum tapete voador e, lhe tiram o tapete, mas não o voo.

Conversei sobre isso com o Doutor. Disse a ele que, na verdade, não sei muito bem descrever e/ ou narrar o que é filosofia nem o que é poesia e/ ou literatura. Muito menos, sei provar (a não ser em algum sentido culinário) o que é, ou deixa de ser, uma possível poesia e uma possível filosofia. Mas sei que, sendo eu, oficialmente, um professor de literatura, tal como se lê no número do meu crachá, já fui, para o bem e para o mal, acusado de estar dando aulas de “filosofia” e não de “literatura”, conforme o contrato (Monteiro, 2019, p.18).

Pucheu (2007) percebe que tanto a poesia quanto a filosofia não se originam através de uma pergunta ou incerteza, mas pelo espanto que as palavras emanam em um atravessamento de corpos, próximo a não haver diferenciação entre elas. E esse efeito é ocasionado pela participação do leitor em movimentar a escrita com seus enxertos de vivência. Isto abarca ao texto uma escrita fragmentária, no campo poético e no filosófico. Por principiarem da exclamação previamente de uma pergunta, acabam por gerar uma quebra de perspectiva. Elas acontecem no impasse, na encruzilhada criada pelo enigma da vida, o que corrobora com o apuro no qual o narrador se encontra diante dessas disciplinas. Derrida (2018, p. 1) comenta, em relação a essa porosidade interdisciplinar: “A borda é tocada e rasgada. A borda ou o limite ou a fronteira, tantos termos que sempre determinaram, designaram, dominaram e controlaram a história dos discursos disciplinantes, filosóficos e literários”. Termos para interditar o texto, impedir seu acesso.

No capítulo “Bombril Consultoria”, o narrador ilustra que as funções desse dualismo são indefinidas, pois há uma contribuição conjunta de suas atribuições. Não é perceptível visualizar a fronteira de cada conceito, somente quando é para delimitar estilos em uma conversa acadêmica, na qual percebe-se a necessidade de colocar em caixas definições demarcadas com a finalidade de demonstrar conhecimento. Na maioria das vezes, acaba por esvaziar o sentido, já que conhecimento não é um pré-requisito para adquirir sabedoria.

- Poesia e filosofia\_ pra que servem?
- Pra fazer amigos e inimigos, Doutor.
- Pra que mais?
- Pra criar coragem e atravessar escuros.
- Pra que mais?
- Pra saber se impor, estilisticamente falando, na reunião dos “colegas de autoridade”.
- Pra que mais?
- Pra se dar ao luxo e à alegria de poder saber.
- Pra que mais?
- Pra curtir uma aporia.
- Pra que mais?
- Pra bater um papinho esperto no botequim. [...]
- Pra que mais?
- Pra promover
- Um baile de máscaras.
- Pra que mais?

- Pra se compreender que filosofia não é história da filosofia e que acúmulo de conhecimento não é sabedoria, o que raramente acontece, conforme se sabe. [...]
- Pra que mais?
- Pra sacar que Sócrates não é socrático, Platão não é platônico, Descartes não é cartesiano. E depois sair sambando – rockando pelo campus.
- Pra que mais?
- Pra reaprender a andar de quatro [...] (Monteiro, 2019, p. 181-183).

Ao reportar-se a Aristóteles, Pucheu (2007) rememora tópico da admiração como válvula propulsora dos primórdios do filosofar humano e, assim, disserta:

Mas aquele que admira e se encontra sem caminhos reconhece sua ignorância. Por conseguinte, o filômito é, de certo modo, filósofo: pois o mito é composto do admirável, e com ele concorda e nele repousa. Tô Thaumázein, o espanto, a admiração, é a palavra de uma miscigenação entre o filosófico e o poético: o filômito, amigo dos mitos é, também do filósofo, amigo do saber, no sentido de que ambos se espantam com o admirável, descobrindo -se sem caminho, sem saída, per plexos diante da constante aporia que a vida nos impõe (Pucheu, 2007. p. 168).

Ao passo que também a poesia é, sobretudo, um acontecimento vindo de uma exclamação, compreende a existência de uma condição em constante movimento. Criam-se múltiplas possibilidades de sentido, reais ou simbólicos, e rompe-se a precisão de uma escrita aferrada a uma lógica de sentido. Lança-se no risco ao aventurar-se na imprevisibilidade, apresentando uma relação que possa representar, imaginar e pensar. “Logo, [...] a literatura e o pensamento se aparelham numa grande arrancada” (Pucheu, 2007. p. 11).

No capítulo “Diferença”, o narrador pontua a diferença entre as palavras filosofia e poesia e convida o “Doutor”, que está sempre em conversa. Sugere tirar proveito dessa diferença, já que o acontecimento, o inesperado surge de uma diferença e reforça a não relevância em conceituá-las:

É que os conceitos, nesse caso, não são operadores lógicos, prontos a definir, explicar e representar a essência das coisas, ou a dizer algo sobre as coisas, mas são, justamente, um modo de abrigar o acontecimento da vida ... Trata -se de uma filosofia fabricada em “zona de vizinhança” com alguma literatura, algum cinema, alguma pintura, alguma música pop, alguns esportes radicais. Enfim, fabricada com a estesia dos corpos do mundo (Monteiro, 2019, p. 150).

O narrador pulveriza os conceitos de filosofia e poesia com a ideia de não rotular as disciplinas e supõe que não haja modelos prontos identitários para tais, já que no campo do pensar operam subjetividades independentes dos fatores culturais, geográficos, nacionais, entre outros, já pré-estabelecidos, que o homem se insere. As identidades fixas darão lugar à miscigenação, os transbordamentos e atravessamentos de uma construção de realidade múltipla, promovida pelo agenciamento “antropofágico”. Nas palavras de Oswald de Andrade (1995), “A vida é devoração pura”, através da aquisição de conhecimentos em diversas áreas do saber.

## Conclusão

*Romance de Asilo*, de André Monteiro, toca em uma questão muito sensível que é o existir, juntamente com fraquezas, resistências e contradições que envolvem essa condição. A narrativa, através de uma linguagem dinâmica e fragmentada, convida o leitor a experimentar uma leitura fluida, como o movimentar do pensamento, no qual o narrador estabelece um diálogo com o outro(s), que também pode se deixar alcançar ou vivenciar o “asilo” em sua pluralidade de sentidos.

O livro problematiza questões muito pertinentes, como a vivência no ambiente acadêmico, com a presença dos “soberbos Doutores”. Estes simultaneamente soterram-se de conhecimentos e não possuem sabedoria para difundi-los de forma efetiva, ou seja, são personagens que compõem uma realidade traçada pela superficialidade. Outro ponto importante é que a dissociação da filosofia e da poesia, que não se comprova, pois encontram-se em aporia, pois esses conceitos não são autônomos.

Espera-se que este artigo tenha contribuído, através das reflexões aqui propostas, para que se obtenha um maior conhecimento sobre a imposição identitária que a realidade social e intelectual impõem, potencializando a ideia de valorizar a poesia e a filosofia enquanto arte.

## Referências

- ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1995, p. 47-52.
- BLANCO, Rafael Antonio. A origem do traço em Memórias de um Cego de Jacques Derrida. *A filosofia nossa de cada dia*, 24 fev. 2011. Disponível em:



<https://tresando.com/2011/02/24/a-origem-do-traco-em-memorias-de-cego-de-jacques-derrida/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

DERRIDA, Jacques. *Aporias*: morrer esperar-se nos “limites da verdade”. Trad. Piero Eyben; Fabrícia Wallace Rodrigues. Vinhedo: Horizonte, 2018.

DERRIDA, Jacques. *Che cós'è la poesia?* Trad. Osvaldo Manuel Silvestre. Coimbra: Angelus Novus, 1992.

DIAS, Rosa. Vida como vontade criadora. In: DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 23-82.

EYBEN, Piero (Org.). *Pensamento intruso*: Jacques Derrida & Jean-Luc Nancy. Vinhedo: Horizonte, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MONTEIRO, André. É preciso aprender a ficar (in) disciplinado. In: MONTEIRO, André. *Nossa casa sem paredes*. Ensaaios de existir. Juiz de Fora: UFJF, 2021, p- 35-43. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/wp-content/uploads/sites/113/2021/12/NOSSA-CASA-2.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

MONTEIRO, André. *Romance de Asilo*. Rio de Janeiro: Circuito; Pano de chão Voador, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Trad. José Mendes de Souza. Versão para eBook. eBookBrasil.com, 2002, p. 217-225.

PUCHEU, Alberto. Escritos da Indiscernibilidade. In: PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007, p.167-181.

PUCHEU, Alberto. *Pelo colorido, para além do cinzento* (a literatura e seus contornos interventivos). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007, p. 11-26.

Recebido em: 31/01/2025

Aceito em: 30/05/2025